

A ABELHA

SEMANARIO DE INSTRUÇÃO

SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

ALBANO COELHO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

D. C. SOTTO MAYOR

COLLABORADORES:

Alfredo Campos;—Antonio Fogaça;—Anthero Figueiredo;—Arthur Soares;—Bráulio Caldas;—Carlos Braga;—Eugenio de Castro;—Firmiano Pereira;—Gonçalo Sampaio;—Gonçalo Huel Bacellar;—Hippólito Maya;—João Penha;—Jose Simões Dias;—Jayme Filinto;—Miguel Sotto Mayor (D.);—Mariana Coelho (D.);—Nuno Rangel;—Pereira Caldas;—Sebastião Pereira da Cunha;—Santos Mello;—Trindade Coelho;—Teixeira Coelho;—Teixeira Lobato;—Vicente Novaes, etc., etc.

INTELLIGENCIA HUMANA

O HOMEM, quantos mais progressos fizer na sciencia, mais hade crêr que *aquella* só pôde chegar a um termo, além do qual lhe não é permitido caminhar.

*
* *

Se a intelligencia humana ultrapassasse a meta que lhe está assignada por sua natureza, a Intelligencia Suprema, causa ordenadora e privilegiada, perigaria; isto é, ficariam lesados os seus excelsos attributos.

Ora isto repugna acontecer: logo é forçoso admittir que a intelligencia humana é limitada, e que, conseguintemente, baldados são os esforços que tendem a submettel-a á inquirição d'aquillo de que só é conscio o Ser, por excellencia, Único, na primeira escala da perfeição.

*
* *

Não queira, porém, a doutrina ventilada fazer sentir que, em rasão da limitação da nossa intelligencia, professêmos o septicismo e a *ataraxia* de Pyrrho, pelo contrario; empreguem todos os esforços, fazendo por cultivar a sciencia; ganhemos verdadeira paixão pelo estudo, como diz o illustrado professor de Philo-sophia—Joaquim Alves de Sousa; possuidos d'aquelle movel, dêmo-nos pressa em buscar a attenção, como meio psychologico; depois façamos por adquirir o habito, como instrumento logico, e a temperança, com condição essencial, phisiologica e moralmente considerada.

Interessemos-nos, pois, pela sciencia; esforcemo-nos por aperfeiçoal-a e tornal-a cada vez mais progressiva; mas de modo que cada individuo se applique áquillo para que for mais apto; não esquecendo que a regra geral das acções humanas está brilhantemente compendiada n'esse aproveitavel e judicioso aphorismo de Epicteto:—*noli id quod non potes*.

Vianna

P. de Castro.

CONSUELO

CHAMAVA-SE Consuelo. A sua face
Da pallidez das virgens d'Ariosto
Fazia-me lembrar um vago rosto,
Que em sonhos perfumados me afagasse.

Uma noite pedi-lhe me contasse
Aquelle profundissimo desgosto
Que eu lia no seu gesto descomposto
Como se um fogo subito a queimasse.

Encostou-se ao meu braço e mansamente,
Erguendo para mim o olhar ardente,
Me disse em doce voz que não me esquece:

«Queres saber a dor que me consome?
Achei-me só no mundo e tinha fome...
Depois... era morrer, se não cedesse».

Vicente Novaes.

CONFIDENCIA

(C. M.)

Não penses linda virgem que te adoro
com amor pouco casto, sensual;
amo-te com o ardor que amar se pôde,
um anjo bom, formoso e divinal.

E sinto n'alma d'uma tal violencia
enraizada esta voraz paixão,
que só de ti pudera eu esquecer-me
—se com ella arrancara o coração.

Ancede, 17, 9, 85.

D. C. Sotto Mayor.

SONHANDO.

(AO MEU AMIGO, VICENTE NOVAES)

UMA formosa menina, a Henriqueta. Em casa todos a amavam muito. Especialmente a velha Engracia, a creada mais antiga, queria-lhe muito. Fôra sua ama e amava-a como filha.

Henriqueta (chamemos-lhe assim, porque esta historia remonta aos seus 10 annos) tinha um namoro; a cousa mais natural d'este mundo, porque agora até está em moda cada menina *dar corda* a meia duzia, pelo menos.

Mas Henriqueta não era d'essas. Tinha um só namoro, o Rodolpho, e esse amava-o verdadeiramente, com toda a franqueza e leviandade de um coração moço e quente.

X

Na noite a que nos reportamos n'este conto, acabava ella de envolver o seu vaporoso corpinho de fada entre os nevados lençoes do leito de penas.

O ambiente do quarto era tepido, incitante; pela cortina meio descida da janella, penetrava um jacto de luar formosissimo, que espreitava, curioso, a alvura ideal do colo de Henriqueta...

Deitada, languidamente deitada como uma odalisca, e com a cabeça firme na palma da mão esquerda, a joven relia pela decima vez uma carta de Rodolpho, e saboreava com o seio a palpar vulcanicamente, os ultimos periodos, que diziam assim:

«Ah! que se eu pudesse enlaçar-me delirante na rede fascinadora dos teus carinhos!...

«Ainda que tivesse de pagar com mares de lagrimas o goso do teu amor, eu queria um só momento solver a minh'alma no calor dos teus beijos, e alar-me contigo, unido seio com seio e labio com labio, aos confins da vida ideal!»

Henriqueta contorceu nervosamente os braços sobre o peito, elevou a retina do seu olhar até mostrar todo o branco, mordeu o labio inferior, e deixou evolar-se-lhe um suspiro delicioso.

Depois escondeu a carta debaixo do travesseiro; as suas compridas pestanas uniram-se, os labios entreabriram-se-lhe risonhos, e a joven adormeceu n'um sonho bom e amoroso.

X

.....
Sonhava:

Rodolpho estava ali, terno, febricitante. De joelhos, estendia-lhe os braços, jurava-lhe que a amava. Oh! se ella não tinha piedade, o apaixonado amante enlouquecia!

—Por Deus, Henriqueta!—dizia elle.—Não vês como este peito arfa convulsionado d'amor?

E ella sorria, ia lançar-se nos braços de Rodolpho... Depois continha-se e continha-o a elle,

Mas nova investida, novos juramentos... e Rodolpho abraçava-a finalmente contra o peito, que parecia um mar revoltado.

Henriqueta procurava domar o impaciente e fogoso amante.

—Impossivel, Henriqueta! Este amor é de tal forma ardente, que não pôde soffrer barreiras. Venha depois o inferno, embora, mas que seja depois de eu ter sorvido dos teus beijos o goso do ceu!

.....
E Henriqueta, sonhando, evolava-se, com Rodolpho, unido seio com seio e labio com labio, aos confins da vida ideal.

Pareceu-lhe que alguém movia os lençoes

alvissimos do seu leito, e que uma respiração prolongada e forte se unia á sua respiração inquieta...

Accordou.

Uma voz, proximo a si, exclamava em tom de victoria:

—E's minha, emfim!

A joven estremeceu,

Com o coração em violenta palpação, abriu os olhos, ao mesmo tempo que a voz de ha pouco dizia:

—E' como um feijão, o diabo da pulga! Mas agora é minha, e vou-lhe fazer dar um estoíro como o de uma castanha!

Henriqueta revolveu-se no leito, e deu de cara com a velha Engracia, que esfregava entre os dedos uma pulga e explicava:

—Na minha cama são aos centos. Lembrei-me que na cama do meu anginho tambem as haveria, e vim com tenção de as catar... Desculpe-me se a accordei, sim?

—Sim, sim—respondeu Henriqueta enfadada.

E deixou evolar-se-lhe dos labios um novo suspiro... de saudade!

Albano Coelho.

PRECE

(A MINHA IRMÃO, RITA DO R. TEIXEIRA COELHO)

A Virgem!—Poema formoso,
guarida do desditoso!
Seu coração extremoso
é cofre inapreciavel:

acolhe os tristes gemidos
e os lamentos doloridos
dos filhos desprotegidos
com amor inexplicavel!

Estrella fulgente dos ceus,
oh magoada mãe de Deus!
abençôa os filhos teus
immersos n'um mar de dores!

Pede, ai! pede ao teu Jesus,
ao santo martyr da Cruz,
que derrame em nós a luz
que allivia os peccadores!

Protege-nos, pura estrella
de luz refulgida e bella!
Faz serenar a procella
que enluta sempre noss'alma!

Com amor guia meus passos,
do mundo quebra-me os laços...
e irei depôr em teus braços
do meu martyrio a palma.

Povoação—85.

Marianna Coelho.

DOLORA

DE tarde, quando o sol, despindo lentamente
Seu manto purpurino orlado de brilhantes,
Repoisa já cansado os membros rutilantes.
Amortecendo o olhar no leito do Occidente,

E' que ella vinha alli contar-me os seus martyrios.
Cheia de pranto e dôr. N'aquelle olhar quebrado,
Havia o ar sombrio e triste d'um forçado!
E na face gelada a pallidez dos cyrios!

E eu tinha immensa pena, ao vel-a assim afflicta,
Olhando com desdem até a propria vida:
Minh'alma, então, sentia a magoa dolorida,

Tal como a sentiria um coração de mãe!
—Não choreis!... lhe dizia. E a livida cecem
Deixava ver no olhar o poema da Desdita!

Sabrosa—(—)—85—

Teixeira Coelho.

A MORTE DO DELPHIM

(D'ALPHONSE DAUDET)

O PEQUENO Delphim está doente, o pequeno Delphim vae morrer.... Em todas as egrejas do reino está exposto o Santissimo de dia e de noite, e grandes cyrios ardem para que melhore a real creança.

As ruas da vestuta residencia estão tristes e silenciosas, os sinos não tocam, e as carruagens passam da vagarinho.... Nos arredores do palacio, burguezes curiosos espreitam, atravez das grades os suissos de ventres dourados que cavaqueiam nos pateos do palacio com ares importantes...

No palacio anda tudo n'uma dobadaura.... camaristas e mordomos sobem e descem, apressadamente, os escadinhos de marmore.... As galerias estão repletas de pagens e cortezãos, trajando sedas riquissimas, que vão d'um a outro grupo, em voz baixa, perguntar novas...; nas vastas galerias, as damas de honor, banhadas de lagrimas, comprimentam-se reciprocamente, limpando os olhos com lindos lenços bordados.

Na estufa está reunida uma numerosa junta de medicos, com as togas vestidas. Atravez dos vidros, veem-se-lhe agitar as compridas mangas negras e inclinar doctoralmente as luzidias cabelleiras.

O governador e o escudeiro do pequeno Delphim, em frente da porta, aguardam as decisões da Faculdade.

Os creados de cosinha passam por elles sem os saudar. O snr. escadeiro jura como um pagão, o snr. governador recita versos d'Horacio.... E durante este tempo, ouve-se, lá em baixo, do lado das estrebarias, um rincho longo e doloroso. E' o baio do pequeno Delphim, que os moços d'estrebaria esqueceram, e que chama tristemente, preso á mangedoura vazia.

E o rei? Onde está Sua Magestade? O rei fechou-se sosinho n'um quarto, no fim do palacio.

As Magestades não gostam que as vejam chorar!.....

Quanto á rainha, o caso muda de figura.... Assentada á cabeceira do leito do pequeno Delphim, tem o formoso rosto banhado em lagrimas, e soluça

bem alto, á vista de todos, como faria qualquer mulher do povo.

Na sua pequena cama de rendas, o pequeno Delphim, mais alvo que os travesseiros a que está encostado, descansa com os olhos fechados. Cuidam que dorme; mas não! O pequeno Delphim não dorme.... Volta-se para a mãe, e, vendo que chora, diz-lhe: «Senhora, porque choraes? Acaso cuidais como os outros que vou morrer!» A rainha quer responder-lhe. Os soluços não a deixam fallar.

«Não choreis, senhora rainha; olvidaes que sou o Delphim, e que os Delphins não podem morrer assim....» A rainha soluça ainda mais alto, e o pequeno Delphim começa a assustar-se: «Olá! diz elle, não quero que a morte me venha buscar, e saberei impedil-a de se approximar de mim.... Que venham já quarenta soldados dos mais valentes fazer guarda em volta do nosso leito!.... Que cem canhões dos mais poderosos estejam, dia e noite, murrão acceso, debaixo das nossas janellas! E desgraçada da morte se ousar approximar-se de nós!....»

Para comprazer com a real creança, a rainha fez um signal. Immediatamente ouve-se no pateo o rodar dos pezados canhões, e quarenta soldados gigantescos, de chuços em punho, cercam o leito. São veteranos de bigodes grisalhos. Vendo-os, o pequeno Delphim bate as palmas. Reconhece um e chama-o: «Lorrain! Lorrain!» O veterano apporxima-se do leito. «Sou muito teu amigo, meu velho Lorrain.... Deixa-me ver a tua espada.... Se a morte me quer levar, é necessario matal-a, não é assim?» Lorrain respondeu: «Sim meu senhor....» E duas grossas lagrimas lhe corriam pelas faces tisonadas.

N'este instante, o capellão do palacio approxima-se do pequeno Delphim e falla-lhe devagarinho por algum tempo, mostrando-lhe um crucifixo.

O Delphim escuta-o com ar espantado, e depois, interrompendo-o de repente: «Comprehendo perfeitamente o que me dizeis, senhor abbade; mas em meu logar não poderia morrer o meu pequeno amigo Beppo se eu lhe dêsse muito dinheiro?»

O capellão continuou a fallar-lhe baixinho, e o pequeno Delphim espantava-se cada vez mais.

Quando o capellão terminou, o Delphimsinho replicou, suspirando: «tudo o que me dizeis é com effeito muito triste; mas uma coisa me consola: é que no ceu, no paraizo das estrellas, vou ser o mesmo Delphim.... Sei que o bom Deus é meu primo e não pôde deixar de me tratar conforme a minha estirpe.»

Depois accrescenta, voltando-se para a mãe: «Que me fragam o meu fato mais rico, o gibão de arminho branco e os chapins de veludo; quero mostrar-me altivo deante dos anjos, e entrar no paraizo com o vestuario de Delphim.»

O capellão debruça-se, pela terceira vez, sobre o leito, e falla-lhe por longo tempo baixinho.... No meio da pratica, a real creança interrompe-o encolerizado: «Mas então, exclama, o ser Delphim não vale de nada!» E voltando-se para a parede, sem querer ouvir mais, o pequeno Delphim começou a chorar amargamente.

Tylo-Mantio

VIBRAÇÕES

R...

Se eu tivesse a liberdade
Da setta que fende os ares,
Se eu fosse senhor d'um reino
Mais extenso do que os mares:

Se eu tivesse laureis d'ouro
Qu'o meu esforço alcançasse,
Se eu tivera um diadema
Que minha fronte c'roasse:

Se eu tivesse o poderio
De mandar sobre as estrellas,
E um ceu, p'ra eu ser Deus,
Podesse formar com ellas!...

Tudo isso abandonava
Em troca do teu amor;
Porque, mesmo a omnipotencia...
Oh! sem tí não tem valor.

Setembro de 85.

Arthur Soares.

CALINADAS

Em policia correccional:

—Accusado, confessa ter roubado este adereço
de diamantes?

—Sim, snr. juiz. Mas eu não sei onde tinha a
cabeça; julgava que era falso!

X

Fabricio, a quem ha annos fôra amputada a perna
esquerda, entra um d'estes dias n'uma pharmacia, e
assenta-se afflicto sobre uma cadeira.

—Um ferro em brasa! breve!—grita elle.—Fui
mordido por um cão damnado!

—Onde é a ferida? onde é?

—Aqui! Cautorise breve!

E apresenta a perna de pau.

X

N'uma praia.

Mamã e bebé:

—Quem é que está a chorar dentro d'aquella
barraca, mamã?

—É um menino inglez.

—Oh! não, não é; escuta! elle chora em portu-
guez!...

X

Um meliante, correctamente vestido, abeira-se de
um nosso amigo:

—Precisava de 2\$500, senhor...

—E d'ahi? Eu não tenho a honra de conhecer...

—Ah! foi justamente essa circumstancia que me
animou, porque entre os que me conhecem, não me é
possivel obter nem um pataco!

X

Um professor ha pouco nomeado, para um seu
amigo:

—Sabes que sempre consegui ser nomeado pro-
fessor de desenho?

—Sim? felicito-te: vaes afinal ter occasião de
aprender a traçar uma recta...

Abelhão.

LOGOGRIPO

(À EXC.^{ma} SNR.^a D. MARIANNA COELHO)

Esta mulher tão formosa—4—3—3—7

Isto fazia ao atar,—3—2

Mas punha-se um pouco turva—1—7—6—7

Por certo tempo passar.—4—3—3—2

As grandes luctas da vida,
«Quer na terra quer no mar»,
Indomaveis, destemidas
Tudo ella vem acabar.

A. Infante.

CHARADAS

EM VERSO

Se a innocencia te não salva,
Só por mim te salvarás;—5
No reino de Portugal
Junto a Aveiro me acharás.—2

Em Lisboa construida,
Terror sou para muita gente:
E apesar de ser temida,
Sou um edificio imponente.

F. Martins.

NOVISSIMAS

1.^a Existes, animal, na arma—1—2

2.^a A primeira, ata, o vegetal—1—1

3.^a A quarta, n'este vaso, nada—1—2

A. Infante.

Decifração do Logogripho do numero anteceden-
te:—*Procella*.

Da charada em verso:—*Janu-Ario*; das novissimas:
—1.^a—*Cha-leira*;—2.^a—*Arvore-do*.

CORRIGENDA

No numero ultimo da *Abelha* passou um lapso
grave, que rectificamos:

No conto *O gallo*, onde se lê: «onde são instru-
mento da tortura: as mãos e orelhas dos ditos», deve
ler-se: «onde são victimas da tortura» etc.

EXPEDIENTE

Aos nossos assignantes das provincias pedimos o
obsequio de nos enviarem a importancia das suas as-
signaturas.

Assignatura: Em Braga, por mez (4 n.^{os}) 120 reis;
Provincias: anno (48 numeros) 1\$300; semestre
(24 numeros) 700; trimestre (12 numeros) 400 reis.
A administração da «Abelha» é na rua Nova de
Souza, 4—Braga.